

UMA INTRODUÇÃO À SINONÍMIA LATINA POR MEIO DA OBRA DISCIPLINA CLERICALIS

Francisco de Assis Florencio (UERJ)

RESUMO: O estudo da sinonímia vem desde a Grécia Clássica. O primeiro estudioso a se debruçar sobre essa matéria foi o sofista Pródico de Ceos, no século V. Embora não se tenha conhecimento de sua obra, Platão o cita como alguém interessado em levar as pessoas a entenderem que as palavras parecidas são, na verdade, apenas parecidas e não iguais e que o uso distinto delas pode acarretar distintas consequências, principalmente nos debates públicos (Zapico, 2016, p. 74). O sucessor de Platão na Academia, Eupeusipo, foi quem reformulou a noção de sinonímia a partir das características das expressões ou das frases, e não das coisas. Entre os romanos, a sinonímia passa a ser usada na retórica, como instrumento de persuasão, e na estilística, como recurso para a atividade jurídica (Idem, ibidem). O presente artigo pretende fazer uma análise semântica, com ênfase na sinonímia, de alguns termos e construções presentes na obra *Disciplina Clericalis*, de Pedro Afonso. Dentre os textos medievais, este é considerado o mais antigo e é composto de uma coleção de pequenas histórias oriundas e traduzidas do árabe para o latim, como o próprio autor declara no prefácio da obra. A nossa análise se baseará em dois excertos retirados da obra supracitada. Eles foram escolhidos por serem bastante semelhantes em razão de o autor ter recorrido à sinonímia para escrevê-los.

PALAVRAS-CHAVE: Sinonímia. Latim Medieval. *Disciplina Clericalis*, Pedro Afonso

AN INTRODUCTION TO LATIN SYNONYMY THROUGH THE WORK DISCIPLINA CLERICALIS

ABSTRACT: The study of synonymy dates back to Classical Greece. The first scholar to address this matter was the sophist Prodicus of Ceos in the 5th century. Although his work is not known, Plato cites him as someone interested in making people understand that similar words are, in fact, only similar and not the same and that their different use can have different consequences, especially in public debates (Zapico, 2016, p. 74). Plato's successor in the Academy, Eupeusippus, was the one who reformulated the

notion of synonymy based on the characteristics of expressions or sentences, and not on things. Among the Romans, synonymy began to be used in rhetoric, as an instrument of persuasion, and in stylistics, as a resource for legal activity (Idem, ibidem). This article intends to make a semantic analysis, with emphasis on synonymy, of some terms and constructions present in the work *Disciplina Clericalis*, by Pedro Afonso. Among the medieval texts, this is considered the oldest and is composed of a collection of a short stories originated and translated from Arabic to Latin, as the author himself declares in the preface of the work. Our analysis will be based on two excerpts taken from the aforementioned work. They were chosen because they are very similar and because the author used synonymy to write them.

KEYWORDS: Synonymy. Medieval Latin. *Clerical Discipline*. Pedro Afonso

1. Introdução

A língua escrita por excelência na Europa durante toda a Idade Média (IM) era o latim. Por cobrir este período da história humana, ele foi denominado de Latim Medieval (LM), que, por sua vez, é um legado do Império Romano (IR) e da influência da Igreja Católica. A educação, nesse período, estava voltada principalmente para aqueles que tinham a intenção de se tornarem clérigos e era feita em língua latina. Esse latim pouco difere do Latim Clássico (LC), estando as principais diferenças ora no desenvolvimento natural da língua, ora por conta da educação deficiente de algum escritor medieval (Appelbaum, 2012, p. 15). Vejamos agora algumas diferenças entre os dois latins: 1) Palavras oriundas do LC ganharam novos significados ao passar para o LM: *castellum*, de ‘lugar fortificado’, ‘fortaleza’ (LC) passa, em razão das altas muralhas, a significar ‘castelo’, acrescido de torres e fosso; *dux*, de ‘condutor’, ‘chefe’, ‘general’ passa a significar o nobre que está acima de um marquês, ou seja, um ‘duque’; *comes* passa de ‘companheiro’ para um título de nobreza, ‘conde’; *infans*, que, no LC, significa ‘aquele que ainda não fala’, é usado no LM para designar ‘um príncipe que ainda não tem direito ao trono’, ‘infante’; 2) Muitas palavras gregas, via Latim Eclesiástico (LE), passaram para o LM: *abbas*, *angelus*, *apostolus*, *clerus*, *evangelium* etc., 3) Termos pouco empregados no LC tornam-se comuns no LM: *caballus*, *caballarius*, *manducāre*, *papa* etc.,

Além dos exemplos, predominantemente de ordem lexical, merecem destaque ainda: 1) a ortografia, onde a principal diferença se dá na monotongação dos ditongos *ae* e *oe*; a mudança mais significativa quanto à sintaxe foi a substituição da construção

clássica ‘infinitivo mais sujeito acusativo’ por uma oração substantiva introduzida pelas conjunções *quod*, *quia*, *quoniam* ou *ut*. cremos que estes exemplos são suficientes para dar uma ideia das principais diferenças entre os dois latins.

A literatura latina desse período engloba gêneros como, por exemplo, a narrativa ficcional, a poesia, a fábula e a hagiologia, gênero que servia de entretenimento e edificação etc., (Appelbaum, 2012, p. 16). Além desses gêneros literários, vale destacar aquele sobre o qual nos debruçaremos, a saber, os *Exempla*. Como a própria etimologia indica, esse tipo de literatura era composto para servir de exemplo, ou seja, tinha o objetivo de transmitir ensinamentos didáticos e éticos aos cristãos. Quanto à forma, eram pequenas histórias, usadas em sermões desde o século X, tendo os *Exempla* com valor didático sido iniciados no início do século XII.

Assim sendo, pretendemos trabalhar dois excertos da obra em estudo que, dentro dos *exempla*, abordam um mesmo tema: A esposa infiel que, na ausência do marido e ajudada por sua mãe, encontra-se com o amante em sua própria casa. A razão de termos escolhido os textos que abordam a ‘traição’ se deve ao fato de o autor, nas primeiras linhas dos dois textos, ter feito uso da sinonímia. Entendemos ‘sinonímia’ de acordo com a definição de Krás (2006, p. 105): “... um mecanismo de equivalência de sentido que não se vincula somente à correferencialidade, propiciando relações coesivas para o sentido do texto.”, como ocorre com *amāre/diligēre*, *pulcher/bellus*. Essa equivalência de sentido não se baseia na total identidade semântica, e sim na similaridade semântica.

Retomando a ideia já presente na maioria dos estudiosos, Ullman (1965), apud Collinson, apresenta as nove diferenças mais comuns entre os sinônimos: 1) termos com sentido geral (*avis*) ou restrito (*ales*); 2) termos que se destacam por serem mais expressivos (repudiar) ou menos expressivos (recusar); 3) termos mais emotivos (*amens*) do que outros (*demens*); 4) termos que se apresentam neutros, enquanto outros se mostram mais carregados de censura moral; 5) termos mais técnicos (*uxor*) do que outros (*marita*); 6) termos mais ligados à linguagem literária do que outros; 7) termos mais empregados na linguagem coloquial do que outros; 8) termos mais locais ou dialetais (jerimum) que outros (abóbora); 9) termos próprios da linguagem infantil (tia x titia). É principalmente com base nos tipos acima descritos que desenvolveremos a nossa análise.

Para diferenciar e classificar os sinônimos presentes na obra de Pedro Afonso, a nossa análise se baseará na ‘equivalência de sentido’. Segundo Lyons (apud Krás, p. 107),

a equivalência de sentido ocorre quando, entre itens lexicais, há uma relação semântica de equivalência de sentido, sem que esta equivalência seja perfeita, ou seja, não há total identidade semântica entre os itens lexicais. Partindo desse pressuposto, destacaremos os sinônimos inclusos nos textos do autor medieval e, em seguida, consultaremos alguns dicionários de sinonímia latina, a fim de que possamos ampliar os valores semânticos entre os itens presentes na obra e seus respectivos sinônimos que se encontram nos dicionários.

2. Autor e obra

Não se sabe ao certo o ofício de Pedro Afonso. Uns dizem que era médico, outros que era astrônomo, o que vem a comprovar, portanto, que ele era um intelectual. Vivia na corte de Afonso VI, rei de Leão e de Castela. Quanto ao seu nascimento, ele data de 1062, e teria ocorrido em Huesca, Aragão, e que seus progenitores eram judeus, razão pela qual seu primeiro nome, antes de sua conversão ao Cristianismo, era Moisés.

O seu batismo se dá no dia 29 de junho de 1106, dia de São Paulo e São Pedro, e seu nome é uma homenagem ao apóstolo Pedro e ao seu padrinho, o rei Afonso. A partir de então, escreve, em latim, duas obras que seguem os ditames da época: 1) uma obra apologética, que ensinava a refutar o judaísmo; 2) a obra que ora estamos trabalhando, *Disciplina Clericalis* (DC), que contém instruções éticas para o clero.

A DC segue o modelo da literatura sapiencial oriental e, embora apareçam questões éticas e máximas, o que predomina nela são os *Exempla*. Estes consistem em histórias ilustrativas que visam a levar o leitor cristão a meditar sobre os ensinamentos morais e éticos ali contidos. Obra destinada ao clero foi, segundo o próprio autor, traduzida do árabe e vai ao encontro de uma vasta tradição de literatura de sabedoria, que era bastante comum entre os orientais. O enredo do opus, geralmente, apresenta um ancião, que, na maioria das vezes, é um sábio, acompanhado da figura de um jovem, a quem passa seus ensinamentos.

3. Textos e tradução

1º texto

<p>Dictum est de quodam qui peregre proficiscens commisit uxorem suam socrui suae. Uxor autem sua alium quendam adamavit, et matri hoc inditavit. Quae commota pro filia favit amori, et convocans procum coepit cum eo epulari et filia.</p> <p>2. Epulantibus illis supervenit maritus, et ostium pulsavit. Et consurgens mulier, procum abscondit, et ostium postea domino aperuit .</p>	<p>Contou-se sobre alguém que, partindo para o estrangeiro, deixou a sua esposa aos cuidados de sua sogra. Mas sua esposa apaixonou-se por outro e fez isso conhecido a sua mãe. Esta, comovida pela filha, favoreceu o amor, e, chamando o convidado (amante), começou a cear com ele e com sua filha.</p> <p>Estando eles a jantar, chegou o marido e bateu na porta. E, levantando-se a mulher, escondeu o convidado (amante) e, em seguida, abriu a porta ao seu senhor.</p>
---	--

2º texto

<p>Relatum est, inquit, mihi, quod quidam proficiscens commisit conjugem suam socrui suae servandam. Uxor autem clam juvenem quendam amavit, quod suae matri protinus indicavit. Illa vero amori consensit, parato convivio ascivit juvenem. 2. Quibus epulantibus dominus veniens januam pulsavit. Surrexit itaque uxor, et dimisit maritum intrare.</p>	<p>Foi-me narrado, dizem, que um certo (homem), partindo, confiou a guarda da sua mulher à sua sogra. A sua esposa, porém, passou a amar secretamente um jovem e logo levou isso ao conhecimento de sua mãe. Esta, então, consentiu na relação amorosa, e, tendo preparado a refeição, convidou o jovem. Estando eles a jantar, eis que chegou o senhor e bateu na porta. E assim a esposa se levantou e mandou o marido entrar.</p>
---	--

4. Comentários

A construção passiva, que dá início aos dois textos e que forma a oração principal, já era comum na Vulgata e, *mutatis mutandi*, corresponde a uma construção impessoal equivalente a ‘conta-se’; ‘narra-se’; ‘diz-se’. A presença do verbo ‘inquit’, no segundo texto, que serve de reforço à oração principal (*relatum est*), segue uma construção já presente na Vulgata e chegou ao latim por meio da tradução literal do grego *koiné*. Como exemplo bíblico, citamos João 17:1: “Haec locutus est Jesus (...), dixit: ...”, onde *dixit* faz o papel realizado por *inquit* no texto em estudo.

Quanto às distinções semânticas dos verbos *dicĕre* e *refĕrre*, o primeiro denota ‘dizer’ no sentido de transmitir informações; o segundo, ‘dizer’ no sentido de ‘comunicar’, ‘relatar’ algum fato ou acontecimento, como podemos ver em Ester 9:11: “No mesmo dia, foi comunicado (*relatus est*) ao rei ...” Fica claro, então, que *dicĕre* possui um sentido mais geral do que *refĕrre*.

No primeiro texto, a primeira palavra empregada pelo autor para designar a ‘esposa’ foi *uxor*; no segundo, *coniunx*. Segundo Torrinha (1998), apesar de serem sinônimas, a segunda é própria da linguagem culta e, como sabemos, pode ser usada ainda hoje para designar cada metade de um par no casamento, já que, etimologicamente falando, ambos estão presos pelo mesmo jugo (*conjungĕre*); já *uxor*, oriunda da linguagem familiar e cujo radical é oriundo do verbo *unguĕre* (‘untar’), já que a porta era untada com graxa quando a esposa adentrava pela primeira vez os umbrais de sua nova residência (Dumesnil, 1825, p. 261), designava a esposa em oposição ao marido.

Além dessas duas palavras – contidas nos textos - encontramos ainda na língua latina um grupo de sinônimos que podem ser usados para designar a ‘esposa’, a ‘mulher casada’. A primeira que abordaremos é *femina*, que deu ‘fêmea’, em português. Ela tanto pode designar a mulher casada quanto a solteira e tem, como correspondente masculino, *mas*, sendo, por isso o único sinônimo dos que aqui apresentaremos que pode ser usado também para a fêmea dos animais (Dumesnil, 1825, p. 261). O termo mais genérico para ‘esposa’ é *mulier*, oriundo de *mollis*, uma referência clara à fragilidade física da ‘mulher’ (Doederlein, 1852, p. 66). Esse emprego de ‘mulher’ como sinônimo de ‘esposa’ é algo familiar a nós brasileiros que assim a empregamos com frequência quando fazemos referência ao cônjuge feminino (Aulete, 2012, p. 951). No caso da língua latina, seu emprego nesse sentido se torna mais evidente quando é usado em oposição a *virgo*, que é

uma mulher solteira (Torrinha, 1998, p. 936). Oriundo de *mater*, outro sinônimo bastante conhecido é *matrona*. Como a sua própria etimologia indica, ela não era uma mãe qualquer, e sim uma *domina*, ‘senhora’ dos filhos, da casa e dos escravos, trazendo consigo a ideia de nobreza, de dignidade (Torrinha, 1998, p. 506). O substantivo *Nupta* significa ‘noiva, mas o adjetivo dela oriundo era usado para designar a mulher ‘casada’ (Smith e Lockwood, 1997, p. 473). O seu radical vem do verbo *nubĕre* (‘casar’), que, literalmente, significa ‘cobrir com véu’, uma vez que a noiva tinha seu rosto coberto com um véu no dia do seu casamento. Ele era usado apenas para se referir à mulher, sendo *uxorem ducĕre* (‘conduzir uma esposa’, ‘casar-se’) a construção mais comum para o homem, razão pela qual não encontramos *nuptus* para se referir ao marido, e sim ao ‘casamento’, ‘às núpcias’.

Passemos agora a analisar o par de sinônimos *amāre* e *adamāre*. O verbo latino com o sentido mais genérico para ‘amar’ é, sem dúvida, *amāre*, do qual advém *adamāre*, cujas diferenças semânticas abordaremos mais adiante. Antes, porém, merece destaque o verbo *diligĕre*. Este verbo foi bastante usado no latim cristão (LC) para, principalmente, fazer-se a oposição entre ele e o verbo *amāre*. Este, no contexto cristão, corresponde aos verbos gregos *erao* e *phileo*, enquanto *diligĕre* equivale a *agapao*. Assim sendo, de acordo com a teologia cristã, o amor entre amigos e entre um homem e uma mulher passaram a ser designados pelo verbo *amāre*, enquanto o amor de mãe e de Deus para com o ser humano passou a ser denominado por *diligĕre*.

Após a explicação acima, vejamos os verbos escolhidos por Pedro Afonso na construção dos seus textos. No primeiro texto, ele faz uso, para designar o tipo de sentimento que a esposa nutria pelo amante, da forma verbal *adamavit*; no segundo, de *amavit*. Embora o primeiro seja um composto (*ad* + *amāre*) do segundo, eles diferem expressivamente quanto ao significado. Na Vulgata, fonte de consulta e de influência no LM, o verbo *adamāre* já era usado para designar um tipo de amor não apenas mais forte, mais intenso que o oriundo do verbo *amāre*, mas também pecaminoso e voltado principalmente para os desejos da carne. Na tradução de Jerônimo, encontramos duas passagens que corroboram esse emprego. Em Gênesis 34:1-3, é-nos apresentada a passagem que narra o episódio do estupro de Diná. O contexto histórico em que o ocorrido acontece se passa na terra de Canaã, onde a jovem Diná se encontrava com seu pai e irmãos. Após armarem tendas e se instalarem ali, ela saiu para conhecer as jovens daquela região. Um príncipe do lugar, Siquém, vendo-a, ... *adamavit eam*, *rapuit et dormivit* com

illa, vi opprimens virginem.” (“... apaixonou-se por ela, raptou-a e dormiu com ela, possuindo a virgem à força.”). Após esse ato de violência, ele se arrepende e tenta consertar o erro cometido por meio de palavras agradáveis, ato este que parece convencer Diná de que ele realmente a ama. É interessante notar que, embora na Vulgata não apareça o verbo *amare* (v. 3), na Nova Vulgata, aparece o sintagma *amavit puellam*, construção preferida pelas versões atuais e que, segundo, os estudiosos, está mais de acordo com o contexto, inclusive por meio da presença do verbo *amāre*, que faz a oposição entre o sentimento anterior de Siquém, *adamāre*, ‘uma mera paixão’, ‘um simples desejo sexual’, e o que ele passa a nutrir pela jovem depois de ‘conhecê-la’, a saber, ‘um amor sincero’, que não visa a seu próprio interesse.

O segundo exemplo bíblico do emprego de *adamāre* com conotação sexual é encontrado em 2 Samuel 13, no episódio em que Tamar é violentada por Amnon. Eles eram irmãos por parte de pai, o rei Davi. Um belo dia, ele se apaixona por sua belíssima irmã (*sororem speciosissimam adamaret*) e, tomado por essa paixão, passa a arquitetar um plano para ficar a sós com ela e possuí-la e assim o faz. O final dessas históricas é trágico: tanto Amnon quanto Siquém são mortos em decorrência de seus atos.

Além do contexto bíblico, a filosofia também se preocupou em fazer a distinção entre os dois verbos em estudo. Sêneca, na Epístola 71,5, assim se pronuncia: *Si virtutem adamaveris. amare enim parum est* (“Se vieres a amar profundamente a virtude, pois (só) amar é (muito) pouco.”). Nesta epístola, em que Sêneca disserta sobre o Bem Supremo, encontramos uma distinção entre os verbos *amāre* e *adamāre*. Fica claro aqui que o filósofo estoico, ao fazer a oposição entre os verbos em destaque, tem a intenção de demonstrar o quão mais intenso o último é, objetivando, assim, levar o seu leitor a ‘amar apaixonadamente’ (*adamāre*) a ‘virtude’.

Para designar o ‘marido’, o autor medieval alterna, nos textos, *dominus* e *maritus*. O primeiro era usado para fazer referência ao ‘dono da casa’, ‘o senhor’, ‘o romano rico’, o *pater familias* e, depois de Augusto, passou a ser usado como título para os imperadores. No Latim Cristão, ele passa a substituir *kyrios* (o Senhor Deus), que, por sua vez, já substituíra o tetragrama (*YHWH*). No contexto medieval, *dominus* corrobora as acepções anteriores e passa a ser usado como forma de tratamento, ‘don’ (em espanhol), para fazer referência a alguém de uma classe social superior. Além dessa acepção, ele também já é registrado no dicionário com o mesmo significado presente na DC: “Para indicar o

marido” (Niermeyer 1960, p. 353), ratificando, assim, a ideia de o marido ser tão digno de respeito e consideração que a esposa, filhos e criados devem tratá-lo como ‘senhor’.

Maritus, por sua vez, provavelmente oriundo de *mas* e que deu origem ao verbo *maritare*, ‘casar’, servia para designar o homem casado. Era, portanto, um termo técnico próprio da linguagem jurídica que tinha, como correspondente legal, *uxor*, e, como correlato feminino, *Marita*, um termo mais poético para ‘esposa’ do que *uxor* (Doderlein, 1852).

Além dos sinônimos apresentados, podemos acrescentar ainda à relação *sponsus*, *i*, e *vir*, *i*. O primeiro, oriundo de *spondēre*, ‘prometer em casamento’, como a própria etimologia indica, está ligado à ideia de dar a palavra, de assumir um compromisso de casamento. Assim, diferentemente do que entendemos hoje em português, o primeiro significado de *sponsus* não era o de ‘esposo’, ‘marido’, e sim de ‘prometido em casamento’, ‘noivo’. Já o segundo, *vir*, traz consigo primeiramente a ideia de ser humano do sexo masculino em oposição à *mulier* (Doderlein, 1852), passando logo a ser empregado para denotar o ‘marido’, tanto no Latim Clássico quanto no Latim Cristão.

Os dois pares seguintes dizem respeito ao verbo ‘chegar’: *supervenit* e *veniens*. Esta última forma, presente no segundo texto, encontra-se no particípio presente e é oriunda de *venīre*, ‘chegar’, ‘vir’. *Supervenire*, por sua vez, é uma forma composta de *venīre*, cujo prefixo, *super*, traz consigo a ideia de ‘inesperadamente’, ‘de uma hora para outra’, o que, com certeza, vai ao encontro do contexto do texto, ou seja, a chegada inesperada do marido. Para substituir *supervenit* no segundo texto, o autor recorre ao particípio presente *veniens*, que, por estar em uma forma nominal, equivale à forma composta quanto ao aspecto verbal, pois sua tradução literal, ‘chegando’, pode ser entendida como uma ação que está em movimento, mas que pode ser realizada a qualquer momento, causando, por isso, surpresa, daí “eis que chegou”.

O penúltimo par de sinônimos é composto por *ostium* e *janua*, que, segundo Doderlein (1852, p.130) denotam a abertura através da qual se entra e se sai de um lugar. Conforme Doderlein (ibidem), o primeiro termo, oriundo de *os*, é mais geral que *janua*, sendo usado, por isso, para designar qualquer tipo de ‘entrada’, seja de uma casa, seja da foz de um rio ou de uma enseada. Oriundo do deus *Janus*, divindade com dois rostos - simbolizando, assim, a ‘passagem’ - *janua* se restringe unicamente à porta da casa, daí *janitor*, ‘porteiro’, até hoje presente na língua inglesa. Conclui-se, assim, que, de acordo com o contexto do texto, o termo mais adequado para designar a porta da casa é *janua*.

Além dos sinônimos abordados acima, podemos acrescentar ainda mais alguns à lista de sinônimos de ‘porta’: *porta*, *limen*, *fores*, *valvae* (batentes da porta).

Porta, segundo Dumesnil (1825, p. 451), era uma entrada, em especial feita nos muros de uma cidade, sendo, por isso, melhor traduzida como ‘portão’, vindo só posteriormente, por influência dos poetas, a significar as ‘dobradiças’ de uma porta e, por consequência, a própria porta. Já o ‘limiar’ de uma porta era denominado de *limen* e, por metonímia, ‘porta’.

Derivado de *foris*, ‘para fora’, ‘saída’, *fores*, literalmente, designa a ‘porta colocada nas dobradiças’ (Dumesnil, *ibidem*), ou seja, é a parte que, após aberta a passagem da casa, é presa com dobradiças e serve de entrada e saída da casa. *Valvae*, por sua vez, era usada para designar uma porta ‘com dois batentes’, ‘com duas aberturas’.

Os dois últimos itens lexicais sinonímicos a aparecer nos textos de Pedro Afonso são os verbos *consurgere* e *surgere*. Esta última forma verbal está no segundo texto e se apresenta na terceira pessoa do singular, *surrexit*, ‘levantou-se’, que descreve a ação realizada pela esposa ao ouvir a batida na porta. Já seu sinônimo, *consurgens*, como se pode perceber, é formada de *cum* + *surgere*. Diferentemente da forma simples, ela é mais intensa por duas razões: a) primeiro por estar no particípio presente, ressaltando, assim, o aspecto de algo em andamento; b) pela presença do prefixo *cum*, que traz consigo a ideia de ‘simultaneidade’, revelando, assim, ‘a pressa’ com que a esposa se levantou para esconder o amante logo que ouviu a batida na porta.

5. Considerações finais

Por fim, acreditamos que conseguimos realizar o que foi proposto na introdução. Para tanto, conciliamos obras que vão do século XIX ao século XXI, o que nos levou a acompanhar o desenvolvimento dos estudos linguísticos no que diz respeito à sinonímia. Por meios dessas obras foi possível analisar o emprego da sinonímia nos textos do escritor medieval Pedro Afonso. Além de avaliarmos os pares de sinônimos inclusos nos excertos da DC, fomos buscar, nos dicionários de latim e nos de sinônimos latinos, outras formas lexicais que poderiam ser usadas como termos correspondentes aos presentes nos textos, levando-nos a formar séries de palavras com equivalência de sentido.

Por meio de nosso estudo, ficou claro como é rica a sinonímia latina, o que se pôde verificar, *verbi gratia*, nos exemplos apresentados no desenvolvimento do nosso trabalho. Diferentemente dos dicionários comuns de sinonímia, que apenas elencam um grupo de palavras correspondentes ao termo principal, preocupamo-nos em fazer a

distinção semântica entre os termos principais – os que estavam presentes no texto – e seus correspondentes, sendo usados, para tanto, critérios semânticos como, por exemplo, um termo mais geral em oposição a um termo mais restrito etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPELBAUM, Stanley. *MEDIEVAL TALES AND STORIES – 108 Prose narratives of the Middle Ages*. Mineola, New York: Dover Publications, INC. 2012.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. /Caldas Aulete; organizado por Paulo Gieser. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

DOEDERLEIN, Ludwig von. *Hand-book of Latin Synonymes*. Translated from German by Rev. H. H. Arnold. Second edition. London: FRANCIS & JOHN RIVINGTON, 1852.

DUMESNIL, Jean Baptiste Gardin. *Latin Synonyms, with Their Different Significations: And Examples Taken from the Best Latin Authors*. Translated into English, with additions and corrections by Rev. J. M. Gosset. Third edition. London: George B. Whittaker, 1825.

KRÁS, Cléa Silvia Biasi. *SINONÍMIA E TEXTURA*. 2006. 274 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NIERMEYER, J. F. *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*. Leiden: E. J. BRILL, 1956.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Porto Editora, 1998.

SENECA, Lucius Annaeus. *Letters from a Stoic*. Translated by Robin Campbell. New York: Penguin Books, 1969.

SMITH, Sir William; LOCKWOOD, Sir John. *CHAMBERS MURRAY. Latin-english Dicionary*. New York: John Murray, 1997.

THE HOLY BIBLE. *Nova Vulgata*. 2014. Disponível em: www.FreeBiblesoftware.com. Acesso em 10/06/2022.

ULLMAN, Stephen. *SEMÂNTICA: Uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

WEBER, Robert (ed.) *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. 4 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

ZAPICO, Martín Gonzalo. *Problemas en torno a la sinonimia y el significado*. Mar del Plata: MGZ EDICIONES, 2016.